

Mentiras, até quando?

(05.11.2008)

Quando alguém se vale da prerrogativa – se é que nesse caso existe – de dizer uma meia-verdade, essa metade revelada é uma mentira por inteiro. No caso dos efeitos da crise financeira mundial na economia brasileira, o governo do presidente Lula da Silva desde o início comete erros tão repetidos quanto primários. O erro de estréia foi dizer que a crise era problema do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. Fato é que a crise era – como ainda é – e será de todos. E a prova está aí para quem quiser conferir. A razão da crise deve, sim, ser creditada ao presidente Bush, mas a muitos de seus antecessores também.

Passadas algumas semanas do início da fatídica crise, Luiz Inácio Lula da Silva decidiu batizar de marolinha o movimento que ainda sacode as principais economias do planeta Tudo para mostrar aos brasileiros que por aqui a situação estava sob controle. Mentira, não está e nunca esteve sob controle. Se o tremor financeiro foi sentido em terras brasileiras em menores proporções, é porque Henrique Meirelles colocou à prova o seu conhecimento e prestígio.

Com as Bolsas de Valores do mundo despencando, o câmbio sob especulação e a cotação das commodities oscilando feito gangorra, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, preferiu dividir seu tempo entre conselhos de economistas ortodoxos e conversas com banqueiros pouco confiáveis. Enquanto Mantega e Meirelles davam explicações mentirosamente animadoras na Câmara dos Deputados, o Palácio do Planalto preparava duas Medidas Provisórias para tampar os rombos de um barco prestes a fazer água. Ou seja, a marolinha ganhou musculatura de tsunami.

Foi então que surgiu a idéia de permitir que uma das principais instituições financeiras oficiais – o Banco do Brasil – socorra bancos com problemas de liquidez. O que não deixa de ser uma versão disfarçada do Proer, mesmo que o messiânico Lula da Silva garanta que o Palácio do Planalto não lançará qualquer pacote de medidas para enfrentar a crise. Depois de tantas medidas isoladas, falar em pacote seria, quando muito, colocar tudo em uma caixa só.

Quando as autoridades econômicas do governo federal anunciaram que nessa operação de socorro ao mercado financeiro nacional o foco do Banco do Brasil seria, principalmente, a compra de carteiras de crédito, de preferência de financiamento de veículos, marchava de maneira camuflada uma tentativa de preservar os metalúrgicos das montadoras de automóveis. Uma retração na produção de automóveis colocaria o presidente Lula em péssima situação com seus outrora companheiros de chão

de fábrica. E de botecos chinfrim, também. Sem contar que a sucessão presidencial de 2010 seria entregue majestosamente de bandeja para a oposição.

Mas o governo foi além. Autorizou a Caixa a se tornar sócia das principais empresas de empreendimentos imobiliários do País, que até dias atrás estavam à caça de qualquer tostão, mesmo que furado fosse. Com o anúncio da investida oficial, as ações dessas quase falidas empresas retomaram a valorização. Não se sabe por quanto tempo, mas bastou apenas um anúncio palaciano para que alguns alarifes de plantão lucrassem de maneira desmedida à sombra do suado dinheiro do contribuinte. Por conta da contundência de ínfima parte da imprensa, a esperteza de alguns durou pouco. E agora começam a surgir as inteiras verdades sobre o segmento imobiliário.

No rastro do suposto vôo de águia da economia brasileira, algumas empresas decidiram especular no mercado financeiro, apostando fortemente em derivativos, como se o mundo fosse o país de Alice, aquele das maravilhas. Alice deu o cano e as maravilhas do lucro fácil e preguiçoso desapareceram, deixando prejuízos consideráveis para os que destilaram arrojo e soberba. De chofre, como forma de blindar a economia tupiniquim, o governo anunciou que socorreria os que perderam verdadeiras fortunas a bordo da especulação cambial. Mas não demorou muito para o discurso mudar radicalmente. Presidente do BNDES, Luciano Coutinho, que anunciou o socorro, foi desautorizado por Mantega. E não poderia ser diferente, pois dias antes o presidente Lula da Silva afirmara que a Casa Branca, que sempre privatizou o lucro, agora socializa o prejuízo. E aqui não seria diferente, não fosse uma meteórica alternância discursiva.

O mesmo Guido Mantega, que disse serem meramente psicológicos os efeitos da crise na economia tupiniquim, substituiu o discurso em menos de vinte e quatro horas, sob pena de passar recibo de incompetência. E os efeitos da crise passaram a ser sérios. Até mesmo o presidente Lula, o pai da marolinha financeira, mudou de idéia. Adotou um discurso em que pede aos brasileiros para que consumam desesperadamente como antes, uma vez que a já evidente retração no consumo acarretará sérios danos à economia brasileira, dependente em 85% do comércio interno. Diz a sabedoria popular que o pensamento é uma prece, mas desta vez o fervor de Lula tem tudo para ser inútil.

Nunca antes na história deste país as reservas internacionais foram tantas e tão sólidas. Assim profetizava o messiânico Luiz Inácio. Parte dessa dinheirama vem sendo devida e providencialmente aspergida no mercado financeiro para acalmar os ânimos da especulação. Uma nova rodada de valorização do dólar comprometeria a economia brasileira em todos os flancos. Do Palácio do Planalto são disparadas informações da mais variadas, sendo que todas carregam uma aura de austeridade, mas a realidade está mais para um espetáculo de despreparo daqueles que ainda confundem popularidade com competência.

O que era para ser não foi, e nem mesmo será mais. Os créditos podres não mais serão adquiridos pelas instituições financeiras oficiais. E os créditos bons os banqueiros não querem vender. As empresas imobiliárias que carecem de dinheiro não têm requisitos cadastrais mínimos para qualquer tipo de ajuda. E as poucas que poderiam se candidatar à ajuda do governo dispensam o dinheiro palaciano. Traduzindo, essa suposta ajuda é mais um balão de ensaio do Palácio do Planalto para

preservar a qualquer custo a imagem e a popularidade de Lula da Silva, muito necessárias daqui até 2010, desde que intactas estejam. Para complicar, Lula carecerá do dinheiro dos banqueiros, em 2010, caso mantenha o sonho de fazer o sucessor.

Para colocar um cabresto nos que especulam no mercado de câmbio, o Banco Central tomou emprestado do Tio Sam a bagatela de US\$ 30 bilhões. Dinheiro que o BC despejará de maneira homeopática no mercado financeiro nacional, como forma de controlar a cotação das moedas estrangeiras, em especial a do dólar. Ora, se as reservas brasileiras nunca foram tão grandes e sólidas, buscar um empréstimo internacional é uma atitude descabida. Dizem os homens de bom senso que o melhor é não discordar dos inquilinos do Palácio do Planalto, porque por lá são todos têm no armário de casa uma fantasia de Aladim.

Há coisas na vida que são passíveis de perda, mas a única que merece ser preservada a todo custo é a coerência. E o que falta na Esplanada dos Ministérios é exatamente isso: coerência. No final de abril, o Palácio do Planalto surgiu com mais uma sandice populista. O tal do Fundo Soberano, criado por Medida Provisória para financiar empresas brasileiras no exterior. Primeiro é preciso saber o que o Palácio do Planalto entende por exterior. Se para esses gênios da atualidade o exterior for a esquerda burra e truculenta da América Latina, não há soberania alguma nesse fundo. E bestialidade política dos nossos vizinhos ajuda a referendar o meu pensamento.

Quando foi arquitetado em algum cantinho do Palácio do Planalto, o tal Fundo Soberano seria financiado por um quinhão da cada vez mais voluptuosa arrecadação tributária nacional. À época, a crise financeira mundial era apenas um acanhado balão de ensaio. Agora, com a crise se alastrando por toda parte e a retração do consumo interno dizendo presente, aprovar a MP que cria o Fundo Soberano foi uma questão de teimosia política, para não dizer que foi uma burrice administrativa.

Mas o mitômano espetáculo parece não ter fim. Diante da fusão do Itaú com o Unibanco, as declarações oficiais foram as mais variadas. Alguém no Palácio do Planalto, muito mal mandado, resolveu anunciar que Lula da Silva só soube do negócio horas antes do anúncio oficial. Uma colossal mentira. Quem avisou o presidente-metalúrgico, com a devida antecedência, foi o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, quando este tentou uma operação bancária complexa para salvar o Unibanco. A complexidade política da operação inviabilizou o salvamento. E Lula, ao contrário de outros assuntos, sabia de absolutamente tudo, desde o início.

Passado o impacto do anúncio da criação da mais nova e maior instituição financeira tupiniquim, o ministro da Fazenda surgiu diante dos microfones e câmeras para dizer que o negócio que uniu o Itaú ao Unibanco mostra a solidez da economia brasileira e do mercado financeiro. Outra inverdade oficial, pois o Unibanco estava à beira do nocaute. E antes que alguém iniciasse a contagem regressiva, o contundido Itaú subiu no ringue.

Até quando o brasileiro suportará mentiras?

ATENÇÃO: O inteiro teor do site (www.uchohaddad.com.br) e a obra aqui reproduzida estão sob a proteção da Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos reservados - Copyright © 2013 - Ucho Haddad